

**QUESTÕES ÉTICAS NA FORMAÇÃO DO PEDAGOGO: ENTRE O PAPEL
SOCIAL DA ESCOLA E A RELAÇÃO PROFESSOR X ALUNO**

***ETHICAL ISSUES IN THE TRAINING OF THE PEDAGOGUE: BETWEEN THE
SOCIAL ROLE OF THE SCHOOL AND THE RELATIONSHIP TEACHER X
STUDENT***

Francisco Renato Lima

fcorenatolima@hotmail.com

Mestre em Letras - Estudos da Linguagem, UFPI
Professor Polivalente da SEDUC-PI

Wagner José da Silva Carvalho

wjos_@hotmail.com

Especialista em Docência no Ensino Superior

Cláudio Henrique Rocha Araújo

henrique-1941@live.com

Graduado em Teologia e em Pedagogia

Jovina da Silva

profjov@hotmail.com

Mestrado em Educação pela UFPI
Professora da Faculdade Santo Agostinho

RESUMO

Neste estudo, trata-se da ética como princípio basilar do processo de formação do pedagogo, considerando a dimensão política, cultural, social e educativa exigida no exercício de sua profissão, o que pressupõe uma formação contínua, baseada na relação teoria e prática vivenciada no interior da escola, como espaço social de construção de aprendizagens éticas e cidadãs entre os sujeitos. Assim, tem-se como objetivo analisar a importância da ética no processo de formação do pedagogo, considerando a relação que se estabelece entre professor e aluno no espaço escolar. Parte-se de uma revisão bibliográfica, de caráter qualitativo na abordagem das informações, com base nas leituras de Bourdieu (2005), Freire (1998), Garcia (2012), Perrenoud (2000), Tapia; Fita (1999), entre outros. Aponta-se para a ética como princípio que deve ser vivenciado na prática docente, no espaço coletivo da escola, em que professores e alunos se reconheçam como agentes de transformação e mudança. A escola precisa romper com o paradigma do tradicionalismo, da hierarquização do poder, do autoritarismo e da exclusão social mascarada, e promover uma mudança curricular, que reconheça e valorize os aspectos culturais e sociais do indivíduo no meio social. Portanto, a formação docente e a escola precisam ser pensadas e ressignificadas a partir de uma ética global, comum a todos, que possibilite o engajamento coletivo em causas particulares, como forma de minimizar as distorções sociais que fortalecem as desigualdades, o que pressupõe,

portanto, a interferência direta do professor e do aluno, nas relações que estabelecem no espaço da sala de aula.

Palavras-chave: Ética. Formação do pedagogo. Escola. Relação Professor x Aluno.

ABSTRACT

In this study, ethics is a basic principle of the pedagogical formation process, considering the political, cultural, social and educational dimension required in the exercise of its profession, which presupposes a continuous formation based on the relation theory and practice lived in the Interior of the school, as a social space for the construction of ethical and citizen learning among the subjects. Thus, the objective of this study is to analyze the importance of ethics in the pedagogical training process, considering the relationship between teacher and student in the school space. It is based on the reading of Bourdieu (2005), Freire (1998), Garcia (2012), Perrenoud (2000), Tapia; Fita (1999), among others. It is pointed out to ethics as a principle that must be experienced in teaching practice, in the collective space of the school, in which teachers and students recognize themselves as agents of transformation and change. The school must break with the paradigm of traditionalism, hierarchization of power, authoritarianism and masked social exclusion, and promote a curricular change that recognizes and values the cultural and social aspects of the individual in the social environment. Therefore, teacher education and the school need to be thought of and re-signified from a global ethic, common to all, that allows collective engagement in particular causes, as a way of minimizing social distortions that strengthen inequalities, which presupposes, therefore, the direct interference of the teacher and the student in the relationships they establish in the space of the classroom.

Keywords: Ethic. Education of the educator. School. Teacher to Student Relationship.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A prática profissional do pedagogo exige seu contínuo processo de formação e qualificação, considerando os desafios que surgem no decorrer da construção da carreira docente, o que inclui pensar principalmente no aspecto ético, que envolve sua formação, inicial e continuada, e sua prática profissional. Essa questão tem ganhado significativo destaque nos últimos anos, na medida em que se vivencia a era da tecnologia, dos avanços científicos e da globalização econômica, que trouxe mudanças significativas nos modos de pensar, sistematizar e organizar os princípios éticos e cidadãos que norteiam o conhecimento humano, e as práticas decorrentes deste.

Nesse contexto, a discussão sobre a ética como base do processo de formação do pedagogo torna-se essencial, na medida em que este profissional lida diretamente com processos educativos de ensino e aprendizagem, que se constituem como fenômenos sociais, que levam a problematização, questionamento e reflexão sobre a ação.

Essa temática tem assumido o centro das atenções, por meio de análises, reflexões e debates pedagógicos, envolvendo principalmente pedagogos em suas práticas cotidianas, quando surgem alguns questionamentos, como, por exemplo: Como se deve efetuar o aprimoramento da prática do profissional do pedagogo? É o pedagogo, um agente transformador e um ser ético? Qual o papel da escola; do professor, enquanto agente de mudança; e do aluno, nas questões que envolvem a ética e o processo de ensino e aprendizagem? Quais as formas éticas a ser utilizadas por esses professores no cotidiano de sua prática pedagógica?

Essas questões ganham destaque em estudos de vários autores no campo da educação, ao tratar da ética na formação do pedagogo. Dentre eles: Bourdieu (2005), Freire (1998), Garcia (2012), Perrenoud (2000), Tapia; Fita (1999), entre outros, que são utilizados na elucidação teórica deste estudo, que se constitui como uma revisão bibliográfica de literatura, de caráter qualitativo na abordagem das informações, com o objetivo de analisar a importância da ética no processo de formação do pedagogo, considerando a relação que se estabelece entre professor e aluno no espaço escolar.

Conforme este entendimento, apresenta-se uma discussão sobre a temática, considerando que a formação do pedagogo deve estar alicerçada por princípios éticos, que serão refletidos em uma profissionalização de qualidade, que responda, com eficiência, as demandas sociais, políticas e pedagógicas vivenciadas nos ambientes escolares e que interferem diretamente no processo de ensino e aprendizagem.

A ÉTICA NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DO PEDAGOGO: EIXOS E DIRECIONAMENTOS EPISTEMOLÓGICOS

A instituição escola tem importante papel na construção e manutenção dos valores morais e éticos das sociedades civilizadas. Ela surgiu no período da Antiguidade Clássica, como a fundação dos sistemas de educação primária no ano 425 d.C., em que “[...] o pessoal

militar geralmente tinha pelo menos o ensino primário [...]” (BENTLEY, 2006, p. 331). No período seguinte, dos grandes impérios, se expandiu por meio da expansão dos territórios da Igreja Católica, com escolas catequistas em toda a Europa cristã, principalmente Roma, restrita apenas aos homens de famílias nobres.

De lá para cá, as transformações da sociedade encarregaram-se também, de transformar essa escola, atribuindo-lhe um novo papel social. Atualmente ela enfrenta os desafios de uma sociedade contemporânea, baseada nos modos de produção capitalista e nas constantes inovações tecnológicas, que trouxeram grandes desafios a todos os seus setores, e principalmente para a Educação, implicando a necessidade de pensar a formação docente, tanto inicial, como continuada, a partir de novos conceitos, definições e expectativas baseadas em princípios éticos, que promovam a democratização do saber, a interdisciplinaridade e a qualidade no processo de ensino e aprendizagem, “por isso o professor como profissional da educação não apenas acrescenta às suas atividades técnicas e científicas uma dimensão ética, mas realiza uma atividade essencialmente ética” (PAVIANI, 1991, p. 108).

O desenvolvimento da sociedade, do ponto de vista cultural e intelectual, está atrelado a uma educação de qualidade, o qual demanda uma organização política, social e principalmente ética, de modo que o pensamento e a capacidade crítica do ser humano sejam valorizados como elementos estruturantes do bem estar coletivo. Assim, Malacarne *et al* (2011, p. 63) aponta:

A Ética como processo de reflexão, de esclarecimento e de debate sobre o relacionamento do homem com a ciência é fundamental no contexto da educação [...]. Segundo a visão dos autores Bertrand e Valois (1999), significa que a reflexão e o esclarecimento sobre a ética na ciência devem emergir em todas as atividades relativas ao ensino e à aprendizagem de conhecimentos, levando em conta a multidimensionalidade do ser humano, o que significa que os esforços educacionais na ética não se traduzem apenas no desenvolvimento racional e cognitivo, senão também, do seu emocional, social, ético-morais, espirituais, estéticos, entre outros.

Nesse processo, é necessário pensar a formação do pedagogo, contextualizada ao lugar e o momento em que as práticas docentes acontecem, ou seja, a formação deve partir de um olhar para a prática, consolidando um viés teórico-prático, construindo assim, uma competência ética, conforme trata Perrenoud (2000), ao apontar que o professor deve “enfrentar os deveres e os dilemas éticos da profissão”.

A busca pela excelência no ensino e na educação de uma forma em geral, associa-se diretamente com a ética, entendida como princípio e valor moral que deve ser comungado

entre a sociedade e o professor no espaço sala de aula, pois de onde quer que partam as discussões, baseadas em quaisquer que sejam as correntes filosóficas, políticas e sociais, a efetiva ação docente e aprendizagem proposta pela escola, acontecem no âmbito da sala de aula, espaço no qual são estreitadas as relações entre conhecimentos científicos historicamente produzidos e saberes vivenciais, oriundos das experiências particulares de cada indivíduo, que devem ser respeitadas e dialogadas de forma ética, segundo aponta Freire (1998, p. 153):

Viver a abertura respeitosa aos outros e, de quando em vez, de acordo com o momento, tomar a própria prática de abertura ao outro como objeto de reflexão crítica deveria fazer parte da aventura docente. A razão ética da abertura, seu fundamento político, sua referência pedagógica; a boniteza que há nela como viabilidade do diálogo.

Dessa forma, o pedagogo precisa passar por um processo de formação que privilegie o aspecto ético, humano e cidadão, tendo como fundamento a dignidade e o respeito às singularidades da pessoa humana, que será expressa a partir das diferentes formas como cada sujeito aprende. Segundo Mota (1984), os princípios éticos norteadores da prática profissional devem ser muito mais do que aqueles estabelecidos pelo Código de Ética Profissional, propostos para o profissional de qualquer área, mas a ética da qual se trata, necessária à qualidade no ensino e aprendizagem, “o profissional deverá pô-los em prática, não apenas porque é seu dever, ‘válidos por si mesmos’, mas principalmente porque aceita e acredita nos valores que deve praticar, nos deveres que deve cumprir por convicção, em face de um ideal profissional” (p. 85).

Portanto, tendo em vista que a formação e a qualificação do pedagogo ético estão contidas em uma tradição que deve ser seguida, sugere-se que ela seja descontraída, ao menos de modo que haja possibilidade de trilhar outros caminhos, que atendam as exigências da sociedade e contemplem as múltiplas facetas da aprendizagem humana, de forma ética, respondendo às exigências universais do saber.

A partir disso, ressalta-se a seguir, o papel social assumido pela escola, considerando-a como espaço que se constrói pela e na atitude ética demonstrada nas representações de suas práticas, seja como instituição (a escola) ou pelas ações individuais dos sujeitos do processo de ensino e aprendizagem (professores e alunos).

O PAPEL SOCIAL DA ESCOLA E A LÓGICA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

O sistema social no qual a escola está inserida é autoritário e tradicional; e isso, desde o seu surgimento, fez com que ela fosse o espelho dessa ordem social, refletindo seus valores, suas ideologias, e principalmente, as mazelas, as quais invadem seu espaço e o tornam conflituoso, marcado por disputas, reprodução da dominação e do poder. As palavras de Pompéia (2002, p. 128), desvelam um quadro histórico dessa situação, remetendo ainda ao século XVIII, definindo a escola como:

É uma organização imperfeita, aprendizagem de corrupção, ocasião de contato com indivíduos de toda origem? O mestre é a tirania, o terror? O merecimento não tem cotação, cabrejam em linhas sinuosas da indignidade, aprova-se espionagem, a adulação, a humilhação, campeia a intriga, a maledicência, a calúnia, oprimem os prediletos do favoritismo, oprimem os maiores, os mais fortes, abundam as seduções perversas, triunfam as audácias dos nulos? Tanto melhor: é a escola da sociedade.

A partir desse quadro literário, identificam-se os modelos de educação predominantes na época, e que muitos se perpetuam até hoje, mudaram apenas as formas de imporem seu poder e dominação, como trata Bordieu (2005). Ela ainda constitui-se como um sistema organizado para cumprir uma função social que, em geral, está de acordo com as demandas sociais, que atende as necessidades das classes mais favorecidas e que tem por objetivo formar um sujeito apto a assumir o seu espaço na sociedade de maneira produtiva e submissa.

Deste modo, a escola pode ser definida como uma agência de educação, e que tem o domínio não apenas dos bens econômicos, destinando-os as classes dominantes, mas também dos bens culturais (BOURDIEU, 2005), que são mal distribuídos e utilizados como moeda de troca, favorecendo a manutenção da desigualdade e da inferiorização das minorias, não atendendo, portanto, a um princípio ético de igualdade de oportunidades e formação pela e para a cidadania plena. Segundo o autor:

É provavelmente por um efeito de inércia cultural que continuamos tomando o sistema escolar como um fator de mobilidade social, segundo a ideologia da “escola libertadora”, quando, ao contrário, tudo tende a mostrar que ele é um dos fatores mais eficazes de conservação social, pois fornece a aparência da legitimidade às desigualdades sociais, e sanciona a herança cultural e o dom social tratado como dom natural. (BOURDIEU, 2005, p. 41).

Em uma análise mais recente, e que corrobora ainda mais para a construção da imagem de uma escola excludente, elitista, que se esconde por trás de uma máscara de defensora das classes subalternas, Garcia (2012, p. 48) critica a forma como a escola brasileira está organizada, ao apontar que:

A escola brasileira, apesar do discurso que se afirma comprometido com a emancipação, [...] sempre foi e continua sendo um lócus de subalternização das crianças e jovens das classes populares, em sua maioria afro-descendentes, indígenas, habitantes pobres das periferias urbanas. Ao fazê-lo, o espaço escolar que deveria acolher as diferentes culturas que cada grupo sócio-econômico-cultural porta, impõe uma cultura única, tornando-se autoritariamente monocultural. Silencia assim toda a riqueza que poderia representar a criação de diálogos interculturais, o que possibilitaria a criação coletiva de novos saberes e de relações mais democráticas. Ao invés de educar para a liberdade, prepara para a aceitação de uma histórica subalternidade que desde a colonização vem sendo imposta, sobretudo àqueles que um dia foram trazidos da África como escravos, bem como àqueles que nas terras “descobertas” pelos europeus já viviam e das quais foram sendo expulsos quando não, dizimados [...].

A autora defende a construção de uma escola efetivamente para todos, que rompa barreiras do tempo e do espaço, através de uma pedagogia baseada na ética e na cidadania, a qual oportuniza condições de igualdade para que as ‘diferenças’ dialoguem, que os alunos que compõem as massas populares, tidas como subalternas, sejam estimulados a desenvolverem suas competências, através da participação, engajamento nas lutas sociais e construção de si mesmo, como sujeito independente intelectualmente.

Porém, o que ainda prevalece muitas vezes, é que as instituições de ensino apenas reproduzem todos os malefícios e problemas da sociedade. E isso faz com que dentro da escola, a falta de limites associada à desconsideração pelos outros contribua para que os alunos busquem se impor pela força e pela ignorância, e neste sentido, a escola se configura como uma mantenedora das desigualdades sociais, aquém dos princípios da ética e da formação para a construção de uma identidade cidadã e digna.

No cerne de toda essa questão ainda destaca-se a prática rotineira e desmotivante, muitas vezes adotada pela escola, funcionando com horários rígidos, atividades que se repetem no dia a dia e apoiada em lideranças, muitas vezes, autoritárias, que se constroem de cima para baixo, sem flexibilidade: os alunos obedecem aos professores, que obedecem ao coordenador, que obedece ao diretor, que obedece ao seu superior. Esse ciclo de reprodução do poder traz o descontentamento, que repercute negativamente, em sala de aula, na aprendizagem dos alunos.

Portanto, a partir dessas considerações, é possível inferir que a escola precisa ser pensada e ressignificada a partir de uma ética global, comum a todos, que possibilite o engajamento coletivo em causas particulares, como forma de minimizar as distorções sociais que fortalecem as desigualdades, o que pressupõe, portanto, a interferência direta do professor e do aluno, na relação que estabelecem em sala de aula, dessa forma, trata-se, a seguir, do papel desempenhado por eles nesse processo.

A RELAÇÃO PROFESSOR X ALUNO E OS PAPEIS ASSUMIDOS POR ESSES SUJEITOS EM UMA FORMAÇÃO ÉTICA PARA AMBOS

A relação professor x aluno se constrói mediante a realização de ações recíprocas, que pensadas dentro de um espaço organizacional de aprendizagem, como a escola, devem ser pautadas na interação face a face, no diálogo e na intencionalidade de promover uma troca de experiências fortuita ao processo de ensino e aprendizagem, tendo a ética como princípio balizador dessa relação e que deve está diluída na estrutura curricular da escola, entendendo o currículo como “um espaço discursivo no qual os sujeitos do ensino [o professor e aluno] são diferenciadamente construídos como indivíduos para se auto-regularem, autodisciplinarem e refletirem sobre si mesmos como membros de uma comunidade/sociedade” (POPKEWITZ, 2001, p. 38).

Essa relação se constrói na medida em que há uma consciência compartilhada entre esses sujeitos. E nesse processo, cabe ao professor, considerando-se sua experiência e maturidade, orientar o aluno por um caminho que o leve a aprendizagem, assumindo seu lugar no meio social, com base na ética, na moral e na cidadania, mas para isso “é necessário que o professor transmita valores de forma explícita. Devemos lutar contra a tendência de deixar isso exclusivamente nas mãos dos ‘especialistas’, professores de religião, ética. Essa tarefa deve ser assumida por todos os professores” (TAIPA; FITA, 1999, p. 13), o que remete a questão da interdisciplinaridade, como elemento básico na organização das práticas de ensino na escola, onde cada professor de área, dentro de conteúdos específicos que trabalha, deve promover uma discussão valorativa que inclua valores de boa conduta, solidariedade, cidadania, moral e ética, elementos essenciais à formação humana.

Do contrário, se a prática docente não trilhar esse caminho, se os professores não forem responsáveis e conscientes com seus projetos de trabalho, se não trabalharem os conteúdos estabelecendo uma relação com os conhecimentos reais presentes no cotidiano dos alunos, a escola vai continuar apenas reproduzindo uma escala de hierarquia de saberes sustentados pelo poder e a relação professor x aluno ficará cada vez mais distante.

Essa questão diz respeito à relação direta entre a ética, a responsabilidade e a consciência, como elementos interligados, e que se desvelam na prática do professor, nas escolhas didáticas que faz para a mediação do conteúdo em sala de aula, e que alcança o aluno, construindo nele uma imagem, pois “além da comunicação explícita, [...] o professor [...] comunica muitas outras coisas: maneira de raciocinar, estilo cognitivo, personalidade, atitudes, valores. Sabemos que as atitudes, os valores, a ética se mostram não se demonstram” (TAPIA; FITA, 1999, p. 92), reafirmando assim, mais uma vez, a importância de sua postura ética, pois “o professor afeta a eternidade; ele não pode dizer onde sua influência acaba” (HENRY BROOKS ADAM *apud* KNOWLES, 1998), ou seja, a postura ética do professor será um modelo, um parâmetro em que o aluno se espelhará para o resto da vida.

A partir disso, apoia-se no entendimento de Piletti (1987, p. 69) ao tratar da relação professor x aluno numa dimensão ética para a formação de ambos:

[...] a relação entre professores e alunos deve ser uma relação dinâmica, como toda e qualquer relação entre seres humanos. Na sala de aula, os alunos não deixam de ser pessoas para transformar-se em coisas, em objetos, que o professor pode manipular, jogar de um lado para outro. O aluno não é um depósito de conhecimentos memorizados que não entende, como um fichário ou uma gaveta. O aluno é capaz de pensar, de refletir, discutir, ter opiniões, participar, decidir o que quer e o que não quer. O aluno é gente, é ser humano, assim como o professor.

Chama atenção a forma como o autor equipara e iguala os sujeitos do processo de ensino e aprendizagem, ao apontar que ‘o aluno é gente assim como o professor’. Essa perspectiva rompe bruscamente com um modelo de ensino tradicional, normativo e hierarquizador, o qual faz da relação professor x aluno um campo de discussões, visto sob um plano vertical, onde ao professor é o “dono do saber” e lhe cabe apenas ensinar; e o aluno é mero receptor passivo deste saber, do qual deve apropriar-se de maneira neutra, sem o discernimento crítico. Dessa forma, o ensino atende as demandas de uma educação autoritária, marcada por relação de poder, amoral, antiética, fundada em princípios avaliativos de forma

rigorosa e reprodutivista, pautados na ideia de julgar, vigiar, punir e controlar os rumos da aprendizagem e da própria vida do aluno. Em contrapartida e esse modelo, aponta-se para a necessidade de que professores e alunos assumam-se como parceiros da aprendizagem, transformando a sala de aula em um lugar de reflexão, discussão e troca de saberes, pois que,

O protagonismo entre professor e aluno é resultado de um processo interativo e investigativo, pois [...] o trabalho com uma coletividade tem a consequência de transformar as ações do professor em interações com um grupo em que os alunos interagem entre si. (LESSARD; TARDIF, 2005) *apud* (KRONBAUER; SIMIONATO, 2008, p. 28)

Deste modo, professor e aluno devem ser motivadores mútuos, em suas práticas de interação e aprendizagem de sala de aula, a partir de princípios éticos, que possibilite que ambos aprendam a ler o mundo com prazer, compromisso e criticamente. A parceria que se estabelece deve aguçar a descoberta autônoma do saber científico, a ruptura com o mundo do senso-comum e a descoberta do saber epistemológico, de modo que seus discursos sejam enunciados a partir de uma voz ética, de libertação e de ruptura com qualquer forma de desigualdade social ou marginalização da pessoa humana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar a ética hoje pressupõe considerar os múltiplos sentidos que ela assume na sociedade. Quando se trata de relacioná-la a formação do pedagogo, portanto, essa discussão ganha ainda mais fôlego, visto que se trata do profissional especialista em processos educativos, e que assumirá publicamente um papel social de formador de opiniões, orientador de escolhas de vida e de aprendizagens múltiplas.

A pedagogia, enquanto ciência da educação firma-se como o elo entre teoria e prática, devendo ser trabalhada de forma ampla e sob diferentes enfoques. Constitui-se como um campo de conhecimento que orienta, dá sentido e viabiliza intencionalmente, condições para o pensar e o agir, por meio da organização e proposição de processos de ensino e aprendizagem, o que pressupõe, portanto, uma formação de qualidade, baseada em princípios éticos e cidadãos, que oportunize ao aluno a capacidade de analisar, interpretar e reconstruir a realidade em que vive.

Assim, considerando o caráter intencional, educativo e social exigidos na prática profissional do pedagogo e que implica um projeto de valor, objetividade e intencionalidade, torna-se urgente um enfoque em sua dimensão ética, com vistas a realização de um trabalho estratégico que promova o exercício da cidadania, da ética e da moral como princípios basilares e compartilhados entre os sujeitos sociais.

Portanto, a formação do pedagogo voltada para a ética e a cidadania plena, pressupõe a adesão a princípios e valores pautados na tolerância, no respeito, na civilidade, no diálogo, na compreensão e no reconhecimento a diferença e a diversidade humana como ‘código de ética’ para o avanço e crescimento social da humanidade.

REFERÊNCIAS

BENTLEY, Jerry H.. **Traditions & Encounters a Global Perspective on the Past**. New York: McGraw-Hil, 2006.

BOURDIEU, P. **Escritos de Educação**. Petrópolis: Vozes, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 7. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

GARCIA, Regina Leite. Mesa V: Educação, política e resiliência - Quando o subalterno fala. [Mesa-Redonda]. In: **IV Ciclo Internacional Resiliência e Cultura**: história de vida, subjetividade e cuidado. (4.:2012): Salvador, BA) Ciclo Internacional Resiliência e cultura: histórias de vida, subjetividade e cuidado: caderno de resumo e programação organização/Elizeu Clementino de Souza. [et.al.]. Salvador. EDUNEB, 2012.160 p.

KRONBAUER, Selenir Corrêa Gonçalves; SIMIONATO, Margareth Fadanelli (Org.). **Formação de professores**: abordagens contemporâneas. São Paulo: Paulinas, 2008.

KNOWLES, Elizabeth. **The Oxford Dictionary of Phrase, Saying, and Quotation**: Oxford University Press, Oxford, 1998.

MALACARNE, Vilmar; STRIEDER, Dulce Maria; LIMA, Dartel Ferrari de. Ética, ciência e formação de professores: a escola na sociedade contemporânea. **Rev. Ensaio**. Belo Horizonte, v.13, n.03, set-dez 2011, p.51-66. Disponível em: <

<http://www.portal.fae.ufmg.br/seer/index.php/ensaio/article/viewFile/283/714> >. Acesso em: 22 ago. 2015.

MOTTA, Nair de Souza. **Ética e vida profissional**. Rio de Janeiro: Âmbito Cultural, 1984.

PAVIANI, Jaime. **Problemas de filosofia da educação**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1991.

PERRENOUD, Philippe. **Dez novas competências para ensinar**. Porto Alegre: ArtMed, 2000.

PILETTI, Nelson. **Psicologia educacional**. 5. ed. São Paulo: Ática, 1987.

POMPÉIA, Raul. **O Ateneu**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2002.

POPKEWITZ, T. **Lutando em defesa da alma: a política do ensino e a construção do professor**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

TAPIA, Jesus Alonso; FITA, E. C. **A motivação em sala de aula: o que é, como se faz**. 4. ed. São Paulo: Loyola, 1999.